

Aspectos socioambientais relatados por praticantes de atividades de aventura na natureza com 60 anos ou mais: a natureza em si e no outro

Social and environmental aspects reported by nature adventure practitioners aged 60 and over: nature itself and the other

Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi, Alcyane Marinho

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis/SC, Brasil

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 26 setembro 2019

Revisado: 14 agosto 2020

Aprovado: 16 setembro 2020

PALAVRAS-CHAVE:

Aventureiros; Idosos;
Meio Ambiente.

KEYWORDS:

Adventurers; Elderly;
Environment.

RESUMO

INTRODUÇÃO: As atividades de aventura na natureza favorecem a discussão de importantes questões sociais e ambientais, constituindo-se em experiências valiosas para qualquer pessoa, inclusive, para a população idosa.

OBJETIVO: Este estudo teve como objetivo identificar os significados que praticantes de atividades de aventura, com 60 anos ou mais, atribuem às questões socioambientais.

MÉTODOS: Trata-se de uma pesquisa de campo, com corte transversal, realizada com 18 homens e seis mulheres praticantes de atividades de aventura na natureza, com 60 anos ou mais de idade, na região da Grande Florianópolis. Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturada e observação simples, registradas em diário de campo. Os dados foram organizados no NVivo 11.0 e analisados conforme técnica de análise de conteúdo categorial.

RESULTADOS: A aproximação do praticante com o ambiente foi um dos motivos apresentados pelos idosos para praticarem atividades de aventura na natureza. Essa relação que se estabelece entre praticante e ambiente foi percebida, nesse estudo, pelo amor, pela preocupação com questões socioambientais, pelo cuidado com o outro e consigo mesmo.

CONCLUSÃO: Os idosos praticantes de atividades de aventura na natureza refletem uma diferente forma de envelhecer, por meio da qual são valorizados e admirados. Assim, a contribuição deles com relação às questões socioambientais podem ser influenciadoras para outras gerações.

ABSTRACT

BACKGROUND: Adventure activities in nature favor the discussion of important social and environmental issues, becoming valuable experiences for anyone, including the elderly population.

OBJECTIVE: This study aimed to identify the meanings that adventure practitioners, aged 60 and over, attribute to social and environmental issues.

METHODS: This is a cross-sectional field study conducted with 18 men and six women who practice adventure activities in nature, aged 60 and over, in the Greater Florianópolis region. Semi-structured interview and simple observation were used for data collection. The data were organized in NVivo 11.0 and analyzed according to the categorical content analysis technique.

RESULTS: The connection between the practitioner and the environment was one of the reasons presented by the elderly to practice adventure activities in nature. This relationship that is established between practitioner and environment was perceived, in this study, by love, concern with socio-environmental issues, care for others and for oneself.

CONCLUSION: Elderly practitioners of adventure activities in nature reflect a different way of aging, through which they are valued and admired. Thus, their contribution in relation to socio-environmental issues can influence other generations.

INTRODUÇÃO

As atividades de aventura na natureza são entendidas como experiências vivenciadas, privilegiadamente, no lazer e, cujas características do ambiente onde ocorrem (terra, ar ou água, ou a combinação deles), bem como a interação do praticante com esse ambiente, por meio de seu corpo e dos equipamentos utilizados, definem o percurso do seu desenvolvimento (BETRÁN; BETRÁN, 2016; MARINHO, 2008). Apesar da nomenclatura adotada, essas atividades, segundo Betrán e Betrán (2016), em função da apropriação de outros ambientes que vem ocorrendo ao longo do seu desenvolvimento, podem ser realizadas tanto no meio natural (ambiente rural), nomeando alguns exemplos, *windsurf*¹, *tiroleza*², *arvorismo*³, *esqui*, *parapente*, *mountain bike*, como no ambiente urbano, como o *skate*, *parkour*⁴, *patins* e *escalada indoor*.

Além disso, de acordo com os mesmos autores, podem ser realizadas em grupo em cooperação, onde as ações dos participantes são interdependentes, como no *rafting*, onde todos os remadores precisam coordenar os movimentos para que atinjam o objetivo de passar pelas corredeiras; em grupo sem cooperação, quando são realizadas em grupo, mas os participantes não dependem dos outros, como nas trilhas, onde geralmente se caminha em grupo, mas não há necessidade de ações coletivas, e de forma individual, como o *kitesurf*⁵.

As situações de partilha, de cuidado, de confiança e a percepção de afinidades, oportunizadas pelas vivências de atividades de aventura na natureza, podem aproximar os participantes e facilitar o estabelecimento de amizades, além de promover situações de cooperação, de reflexão e de sensibilização (MARINHO, 2008, 2009). Por outro lado, segundo a autora, a cobrança de algumas atitudes, como, um padrão de comportamento, uma determinada condição física, ou por acompanhar o ritmo das outras pessoas, sem respeito ao ritmo individual, podem causar conflitos e distanciar alguns participantes da prática.

Assim, devido à essas características, as questões socioambientais se tratam de outra discussão imanente às atividades de aventura na natureza, uma vez que coloca o praticante em contato direto com o ambiente, vendo e participando do mesmo. A prática dessas atividades ocasiona degradação ambiental em diversos níveis (BETRÁN; BETRÁN, 2016). No entanto, para além dos danos causados ao ambiente pela ação dos aventureiros, também é preciso refletir sobre as influências que o ambiente pode exercer nesses praticantes.

É importante esclarecer que, para este estudo, os termos natureza e meio ambiente estão sendo entendidos como sinônimos. Da mesma forma, são compartilhadas as ideias de Marinho (2017) sobre a adoção equivocada da natureza como externalidade. Tal concepção é fundamental para o entendimento

da vida atual e das formas como as pessoas “apropriam-se” da natureza de distintas maneiras (uso de recursos, local de práticas diversas, entre outras). Isto é, as práticas sociais que geram diferentes noções de meio ambiente/natureza podem variar conforme as pessoas residem, vivenciam e se portam em diferentes lugares, recebendo influências de distintas formas de tecnologias (MARINHO, 2017).

Para além das discussões sobre questões socioambientais, as atividades de aventura na natureza favorecem o desenvolvimento de diversas habilidades e competências como a criatividade, a autoestima, o autoconhecimento, a responsabilidade, a comunicação, a cooperação, a tomada de decisão e a reflexão, além de capacidades e habilidades físicas (MARINHO, 2009; SANTOS; MARINHO, 2014; PIOVANI, 2013). Tratam-se, nesse sentido, de experiências valiosas para qualquer pessoa, inclusive, para a população idosa.

O aumento do número de idosos na população brasileira, bem como o aumento da longevidade, coloca a sociedade atual diante do desafio de encontrar soluções para se adaptar às questões econômicas, de saúde, do cuidado e da integração social do idoso (IBGE, 2014). Neste contexto, observa-se o desenvolvimento de estudos relacionados a essa população, objetivando buscar alternativas para que o idoso tenha uma melhor qualidade de vida. Dentre esses estudos, alguns têm demonstrado a importância de se buscar alternativas para proporcionar a participação dos idosos em vivências mais ativas, criativas e variadas, especialmente no âmbito do lazer (ALVES JÚNIOR, 2012; PEREIRA; TAVARES; SUZUKI, 2016; VISCARDI et al., 2018), incluindo as atividades de aventura na natureza.

A velhice não pode ser admitida com homogeneidade, não é uma fase da vida em que todas as pessoas são iguais e passam da mesma forma, pelas mesmas experiências. Como qualquer outra fase da vida, a velhice é constituída por diferenças e, assim, vivenciada e percebida de forma individualizada (DEBERT, 2011), sendo influenciada por fatores econômicos, sociais e históricos. Ter o direito de expressar suas percepções de forma crítica e baseada em suas experiências é parte da permanente integração desse idosos na vida social. Desta forma, partindo das considerações apresentadas, este artigo tem como objetivo identificar os significados que praticantes de atividades de aventura, com 60 anos ou mais, atribuem às questões socioambientais, intimamente relacionadas às suas práticas.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo, de corte transversal com abordagem qualitativa, parte de um estudo mais amplo intitulado “Possibilidades de lazer para idosos na região da Grande Florianópolis (SC): um estudo com os participantes e com os profissionais”, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina, por meio do Parecer n°. 2.356.476, de 30 de outubro de 2017, e cumpre os princípios éticos definidos na Resolução n°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Contou com a participação de 18 homens e seis mulheres praticantes de atividades de aventura na natureza, com 60 anos ou mais de idade, na região da Grande Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Incluindo praticantes autônomos, alunos de empresas que oferecem aulas de alguma modalidade de atividade de aventura na natureza e membros de clubes, grupos e

¹ O windsurf é uma modalidade em que o praticante desliza sobre as águas e realiza manobras, em pé sobre uma prancha com uma vela, impulsionado pela força do vento.

² A tiroleza consiste em uma atividade em que o praticante desliza de um local mais alto, para outro mais baixo, ou seja pela força da gravidade, pendurado, por meio de equipamentos de segurança, em um cabo aéreo.

³ No arvorismo o praticante realiza um percurso, com diferentes desafios, por plataformas suspensas na altura das copas das árvores.

⁴ O parkour é uma modalidade em que o praticante deve superar obstáculos, em deslocamento, por meio de suas habilidades como saltos, giros e escaladas.

⁵ No kitesurf o praticante desliza sobre as águas e realiza manobras, em pé sobre uma prancha sustentado e impulsionado por uma pipa, parte mais visível do equipamento utilizado.

associações. Sua seleção foi intencional, por abordagem direta da pesquisadora e por indicação, realizada por profissionais de educação física, profissionais de empresas, escolas, clubes e associações e, pelos próprios participantes que indicavam outros.

As principais modalidades realizadas por esses praticantes são: caminhada, canoagem havaiana, ciclismo, corrida, escalada, espeleologia, *kitesurf*, montanhismo, rapel, remo olímpico, *stand up paddle*, *surfe*, *trekking*, trilha, vela, voo e *windsurf*; embora a maioria deles praticasse outra(s) modalidade(s) esporadicamente.

Como instrumentos para a coleta de dados utilizou-se uma entrevista semiestruturada, delimitada especificamente para esse estudo e a observação simples. O roteiro de entrevista contemplou as características sociodemográficas dos praticantes, caracterização da(s) atividade(s) que praticam, suas motivações para ingresso e permanência nessa prática, além de concepções e percepções relacionadas às atividades de aventura na natureza e ao lazer.

As entrevistas foram respondidas individualmente, gravadas em um aplicativo e posteriormente transcritas integralmente pela pesquisadora principal. As observações foram registradas em diário de campo. Todas as informações advindas da coleta foram organizadas no software Qualitative Solutions Research NVivo, versão 11.0 e analisadas de forma qualitativa, por meio da técnica de análise de conteúdo categorial, proposta por Bardin (2011). Os participantes receberam nomes fictícios, escolhidos por eles mesmos, preservando, assim, sua identidade.

As questões socioambientais, embora não tenham sido um foco específico da entrevista, foram discutidas transversalmente, ao longo de todo o diálogo, trazidas pelos próprios participantes do estudo.

RESULTADOS

O ambiente foi mencionado em diversas perspectivas como de amor pela natureza, de degradação ambiental, de necessidade de preservação, de questões estruturais em ambientes urbanos, de questões de relacionamento com outras pessoas e consigo mesmo. Por vezes, mais de uma perspectiva compõe a mesma fala ou aparecem em respostas variadas do mesmo participante.

Degradação percebida e causada

Alguns entrevistados mencionam a degradação que percebem nos ambientes em que praticam suas atividades, como: “Uma lancha para ir daqui a Jurerê, os caras gastam 300 litros de diesel por hora, tu sabe o que é isso? Isso é um atentado à humanidade e ao meio ambiente” (MANEIRO, 60) e

Nesses costões, como a gente trafega muito pelos costões, bem pelas extremidades da água, a gente percebe quanto lixo a maré traz, o quanto lixo os pescadores deixam em cima das pedras, iscas luminosas em quantidade, sacolas plásticas e todo o tipo de lixo, infelizmente (GATO DO MATO, 65).

Marinho (2009) alerta que o ambiente degradado, o espaço urbano rude e a deterioração ambiental estão deseducando nossos sentidos, impedindo o despertar da sensibilidade em nós e que, muitas vezes, reproduzimos as nossas atitudes cotidianas nesses momentos de lazer, deixando que a pressa e a “produtividade” impeçam a contemplação e a reflexão. Essas

situações podem ser observadas quando, por exemplo, as pessoas estão mais preocupadas com a quantidade de “tarefas” a realizar, ou em conhecer o maior número possível de lugares em um curto período de tempo, ou, até mesmo, em fotografar e, imediatamente, “postar” todos os detalhes de todos os lugares por onde passam, sem, ao menos, parar por alguns momentos para contemplá-los.

Kakytus (66) alerta justamente sobre a degradação que a própria atividade de aventura na natureza pode causar:

Tem muita coisa que é um ponto de incômodo, mesmo para quem pratica esporte na natureza. Tu vais em algumas vias, aqui nesse morro [Morro da Cruz] tem algumas vias instaladas, aquilo é bordado de pino, de chapeleta. Eu acho aquilo uma coisa tão feia, tão degradante. Uma coisa que foi tão bonita, a natureza levou tantos milhões de anos para esculpir uma pedra, para deixá-la naquela forma, para ser admirada. Tu podes usufruir daquilo, não é proibido, mas tu não precisas agregar coisas tuas, que não são próprias daquilo ali? (KAKYTUS, 66).

Temos aqui grupos de trilhas em que os caras são registrados como guias turísticos, são registrados no município como condutores ambientais, no entanto fazem trilhas com 150, 200 pessoas. Isso é um absurdo! Uma tremenda agressão à natureza. Isso destrói e é um risco para a segurança. [...] Interfere demais na natureza, muitas pessoas pisoteando. A gente tem que pensar que tem vida naquele lugar, pássaros, cobra, insetos (KAKYTUS, 66).

Outros entrevistados percebem os prejuízos que os praticantes podem causar aos ambientes naturais: “Ver a depredação, a degradação, a pichação, feita por pessoas que não tem espírito de montanhismo, isso me entristece um pouco” (HENRIQUE, 68) e “[...] o próprio ser humano que faz coisas impróprias para serem feitas num lugar daqueles. Som alto, barulho, moto com cano de descarga aberto, assustando os animais” (PROFESSOR, 62).

As discussões sobre questões socioambientais podem gerar um certo conflito entre os praticantes de atividades de aventura na natureza, como no estudo de Oliveira et al. (2018), em que os participantes afirmaram que praticantes ocasionais não possuem conhecimento das regras e princípios que devem ser seguidos, delegando a estes a culpa por impactos nocivos causados ao ambiente. Ainda segundo os autores, esta posição pode causar disputas pela utilização do ambiente.

Os participantes do estudo de Oliveira et al. (2018) apresentaram visões diferentes do meio ambiente. Alguns com uma visão utilitária e antropocêntrica, percebem a necessidade de cuidar do ambiente para que possam continuar a utilizá-lo para a prática de suas atividades. Outros, no entanto, percebem-se parte da natureza, estando em harmonia com ela. Para essas pessoas não faz sentido falar em cuidar da natureza, como se estivessem olhando ela de fora, mas elas se sentem dentro, integradas ao ambiente.

Betrán e Betrán (2016) e Marinho (2017) reconhecem que as atividades de aventura na natureza podem ser causadoras de prejuízos ao meio ambiente. Todavia, as relações e trocas que essas atividades proporcionam, entre praticante e ambiente, praticante e outros praticantes e, também, consigo mesmo, podem fomentar reflexões sobre as questões socioambientais e à sensação de pertencimento com relação ao meio, contribuindo com a educação ambiental (FIGUEIREDO; SCHWARTZ, 2013; LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008; VISCARDI et al., 2018).

Piovani (2013) destaca que as atividades de aventura na natureza podem colocar os praticantes diante de situações que propiciam diferentes formas de olhar e agir sobre a realidade, incentivando o desenvolvimento de outros pontos de vista.

Quando se trata de questões socioambientais, esse despertar dos sentidos, da sensibilidade, torna-se necessário, bem como, as reflexões, seguidas de concretizações em ações e mudanças de comportamento (FIGUEIREDO; SCHWARTZ, 2013). No entanto, nem sempre novas ideias e atitudes são incorporadas e interiorizadas pelos praticantes (LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008).

Brookes (2003) contribui com esta discussão. Segundo o autor, é equivocada a ideia de que essas atividades possam alterar traços de caráter como, por exemplo, a honestidade, a confiança, a integridade, a compaixão. Conhecimentos e habilidades podem ser aprendidos em atividades de aventura na natureza, e o indivíduo pode optar por aplicá-los em outros momentos; no entanto, os comportamentos são respostas às situações específicas, que podem incluir elementos sociais, culturais, históricos ou geográficos. Portanto, uma pessoa pode, em um momento, agir com compaixão e, em outro, dependendo da situação, responder com indiferença.

Por esse motivo, não se pode afirmar que uma pessoa que, durante uma trilha recolheu todo o lixo que encontrou, procurou fazer silêncio para não assustar os animais, não retirou plantas e pedras dos seus lugares, não poluiu a água da cachoeira com seu protetor solar e repelente ou ofereceu ajuda a um companheiro em um momento de dificuldade, terá as mesmas posturas diante de outras situações do seu dia-a-dia, como numa disputa por uma vaga de trabalho, numa competição esportiva, numa discussão com um familiar, na sua forma de consumo ou no modo como destina o lixo que produz. A formação, a informação e a reflexão desses aventureiros sobre essas questões podem oportunizar atitudes mais conscientes dos mesmos em relação ao cuidado com o meio ambiente e, conseqüentemente, com o desenvolvimento humano, embora não as possam garantir (MARINHO, 2017).

Proximidade com o ambiente

O amor pela natureza, essa ligação que os praticantes sentem com o ambiente natural pode ser exemplificada em alguns depoimentos como: “Eu penso, eu vivo, eu amo muito a natureza. Quando eu estou na mata... Nossa, estar sozinho então! É como se eu me comunicasse com a mata, porque todos os desafios, todos os perigos, tudo que tem na mata é interligado” (HENRIQUE, 68); “Um deles é essa conexão que você sente quando você entra na água. Eu vejo que tem gente que tem uma conexão legal com a praia, com o mar, eles gostam de pescar. [...] Outra coisa é você entrar lá dentro. Agora você é parte do mar” (GARÇA, 65) e “Eu sentia uma coisa boa de estar em contato com a natureza. Me sinto mais presente, mais vivo. Quando tu estás na natureza, tu estás vivo” (TEPAN, 65).

Essa proximidade que se estabelece entre ambiente e praticante é quase como um presente pelo esforço realizado para estar ali. Essa sensação é muito evidente nos relatos de Bandeira e Rubio (2011) quando descrevem a sincronia do surfista com o mar ao passar a arrebentação, utilizam, inclusive, a frase “[...] aceitação da presença do surfista pelo oceano” (BANDEIRA; RUBIO, 2011, p. 101), como se, nesse momento, o oceano não apenas tivesse vida, mas um poder de escolha sobre o surfista. Também se referem à chegada ao outside, depois de passar pela arrebentação, onde os surfistas esperam pelas ondas sentados em suas pranchas, como um retorno à natureza, de onde po-

dem ter uma visão privilegiada da praia e do mar, e desfrutar “[...] das cores, formas e sensações do outside [...]” (BANDEIRA; RUBIO, 2011, p. 106), disponível apenas para aqueles que se arriscaram e superaram os desafios para estar ali.

Esse sentimento que toma o praticante, como se ele e o ambiente fossem um, é geralmente mencionada pelos aventureiros, como o ex-surfista profissional brasileiro Teco Padaratz, no documentário Ohana Pupo (2008), quando relata: “surfing uma onda é isso, você entra em transe com a natureza. Completa harmonia” e a nadadora de águas abertas estadunidense Lynne Cox, no documentário Fishpeople (2017): “Não importa onde eu vá no mundo, se entro na água, me sinto em casa”.

A sensação de identidade com a natureza, mencionada pelos entrevistados é um momento íntimo, que só pode ser sentido quando se está lá, na natureza. É um vislumbre de um “novo e antigo” entendimento de que o ser humano é a natureza (ACOSTA, 2016). Novo porque está sendo resgatado, após um longo esquecimento; e antigo porque provém do entendimento de comunidades indígenas. Entendimento esse que urge ser retomado por toda a sociedade e que, aliado ao amor, à plenitude de sentimento defendido por WARAT (1989), podem se desencadeadores de novas experiências socioculturais.

Somos parte de um todo

O relacionamento com outros praticantes é mencionado por alguns entrevistados, como em: “O mais importante para mim é a amizade das pessoas, porque a gente vai chegando em uma idade em que a solidão acaba batendo. [...] Então para mim é prazeroso no sentido de eu ter sido acolhido, e eu amo estar no meio da garotada” (MARCUS VINÍCIUS, 67) e

Eu acho tão enriquecedor os colegas, porque sempre tem alguém que tem uma palavra que vai te ajudar, que vai te motivar, é muito legal. E também quando não tem, eu acho que são coisas que a gente começa a aprender a lidar, que são os seres humanos (MOANA, 61).

Júlia (65) menciona o relacionamento intergeracional: “A gente é muito bem aceito, porque tem muito jovem, mas tem outras pessoas de idade. Não existe diferença entre as pessoas, eu me sinto da idade deles, estando com eles”. Segundo Crespo (2011), as vivências intergeracionais trazem benefícios para todos os envolvidos, pois por meio delas há trocas de experiências e conhecimentos, estabelecimento de vínculos e cooperação entre pessoas de gerações distintas, minimização da imagem negativa da velhice, reconhecimento da contribuição dos idosos para a família e sociedade e desenvolvimento de solidariedade.

A intergeracionalidade também é estudada por Wheaton (2016), cujos 11 surfistas ingleses entrevistados, com idades entre 45 a 70 anos, relatam que é mais fácil estabelecer laços com pessoas mais jovens, porque possuem os mesmos interesses, do que manter a amizade com pessoas da sua idade, que os percebem como “diferentes”. Cabe mencionar, que esses surfistas se referem com certo desdém às pessoas de sua idade que não se dedicam a outras atividades, além de cuidar de seus netos e familiares, comentando que elas não têm outros interesses e que se tornam lentas física e intelectualmente. Tal entendimento, também colabora com uma visão preconceituosa do envelhecimento.

Carlos Eduardo (61) relata o cuidado com o outro:

O velejador de wind é muito colaborativo, wind e kite. Se tem alguém dentro da água, a gente percebe se ele caiu ou se é alguma movimentação diferen-

te, e normalmente quando não é, quem está passando por ali vai se aproximar e perguntar: 'Tudo bem?'. É muito comum. E eu já sai da água para pedir ajuda para um amigo, que quebrou o equipamento na água, então eu voltei e comuniquei ao pessoal da guarderia da necessidade de um resgate. Então isso é muito legal, porque tranquiliza a gente (CARLOS EDUARDO, 61).

O contato com a natureza também proporciona a possibilidade de estar consigo mesmo, do cuidado de si, como mencionado por Tepan (65) quando relata que, por vezes, estar em contato com a natureza é como estar em contato com sua própria natureza; e por Gato do mato (65), quando sente que, ao estar na natureza, energiza-se e consegue sentir o retorno que ela lhe dá. Isa (63), aprofunda essa percepção, descrevendo sobre o reconhecimento de si e da vida no mundo:

Escolho a direção e escuto o silêncio. Eu escuto que tem vida independente de mim, que não depende de mim. Independente do mundo, da poluição, existe vida. Os peixes, as aves, eles sobrevivem independente do que está acontecendo no mundo, do que está acontecendo lá fora, no trânsito. Eu também sou uma sobrevivente. [...] É um momento que eu esqueço e percebo que não sou a única pessoa no mundo, que existem outros seres. É por essa razão que eu remo (ISA, 63).

Talvez esses momentos sejam o início da percepção de que somos natureza, defendido por Acosta (2016), que precisa ser estendido para todos os momentos de nossas vidas. A contemplação, seja acompanhada de um sentimento de pertencimento, ou não, também fez parte dos discursos e das observações realizadas, como exemplificam as seguintes falas:

Que é simplesmente apreciar a natureza. Como nós temos aqui pertinho, na Serra do Tabuleiro, o Monte Cambirela, é uma referência para nós atletas, para nós montanhistas, subir o Cambirela, simplesmente subir, descer, só pelo fato de apreciar a natureza; e respirar um arzinho acima de mil metros. Que é bem diferente, convenhamos (GATO DO MATO, 65) e

O pôr do sol nesse final de semana em que eu estava no Pântano do Sul, meu Deus do céu! Sozinho, aquele marzão, os barquinhos de pesca, tu começa a ver aquela mudança do dia, começa a anoitecer, as luzes das casas começam a acender. Meu Deus, são tantas coisas (MANEIRO, 60).

O cuidado que se deve ter com as condições dos locais em que a prática ocorre, que não está relacionado diretamente com a natureza, mas com o ambiente: "O que eu menos gosto é local para andar, trânsito, ruas apertadas, sem ciclovias, calçadas esburacadas onde andam os pedestres e, ali vai andar o ciclista, tu não consegues andar" (LUIZ, 74) e "O equipamento fica na guarderia, onde você pegou meu contato. É de lá que eu saio. O material fica lá. É um conforto a mais, a gente paga uma mensalidade, e tem lá o equipamento, os banheiros, a estrutura" (INDIAN, 60).

Os relatos demonstram que a percepção do ambiente e das questões socioambientais não é estática e há contradições. Ao mesmo tempo em que um participante tem uma ligação com determinado ambiente desde criança, ele percebe aquele mesmo ambiente como um cenário. Ele se utiliza do ambiente para seu divertimento e sua satisfação, mas tem consciência de que está causando degradação. Aprende observando a natureza, mas precisa da estrutura que permita sua prática ser mais confortável. O que chama atenção é que muitos praticantes perceberam e mencionaram a degradação ambiental, mas apenas um afirmou adotar uma atitude concreta relacionada à preservação ambiental.

Para além da proximidade com a natureza

Gato do mato (65) lembrou de ações que podem ser realizada fora do contexto da prática relacionadas à conservação

ambiental: "Eu, por exemplo, tenho um minhocário. Um não, tenho três. Tenho três minhocários em casa. Reciclam todo o meu lixo e toda a minha grama que eu corto. As minhocas reciclam para mim" (GATO DO MATO, 65).

Kakytus (66) aponta sobre a necessidade de as pessoas serem instruídas sobre a preservação da natureza:

Eu acho que apesar de todos os riscos que a gente corre de levar pessoas para o ambiente natural, porque tu pega uma pessoa que não tem consciência e leva e ela pode depredar. Mas é muito melhor tu arriscar e levar essas pessoas para conhecer, e palestrar com elas, conversar com elas sobre a importância de tudo aquilo ali, do que tu deixares a pessoa ir sem nenhuma consciência daquilo ali. A maioria das agressões que são feitas, não são feitas maldosamente. A pessoa não tem consciência do que ela está fazendo (KAKYTUS, 66).

Gato do Mato (65) enfatiza que a própria natureza pode nos instruir:

É um aprendizado, é um exercício a gente poder fazer isso. Porque normalmente você está muito envolvido com a vida agitada e não tem tempo para nada. Observar um beija-flor, colhendo seu néctar na flor, ou uma formiga trabalhando, como é que ela faz, os lugares que ela anda, é difícil, carregada. É um aprendizado, com os mínimos detalhes da natureza. Isso é muito gratificante! (GATO DO MATO, 65).

Henrique (68) aponta a necessidade de instrução dos próprios praticantes: "São ideias que eu aprendi, recomendadas por especialistas em ambiente, por isso que eu ouço muito as pessoas que são ambientalistas, biólogos, com quem eu faço trilha e com eles eu aprendo". Embora alguns participantes mencionem a necessidade de instrução e apontem algumas atitudes, como não levar grandes grupos para as trilhas, não realizar cortes na mata durante as trilhas, não interferir na fauna, participar de associações relacionadas à sua prática, procurar conhecimento de especialistas como biólogos e ambientalistas; nenhum participante mencionou as legislações ambientais que regem os locais, nos quais realizam suas práticas. Fato que demonstra a importância e necessidade em educar a população para que tenham conhecimento das leis que normatizam a utilização desses locais e, assim, talvez, possam ter atitudes mais conscientes e eficazes com relação a sua preservação⁶.

Ratto, Henning e Andreola (2017) apresentam as catástrofes ambientais, o desrespeito a vida humana pelos próprios humanos e a culpa, o medo e incerteza de cada um, como problemas e questões socioambientais. Refletindo que tais questões e problemas não estão pautados apenas nos recursos naturais, mas no ambiente em que vivemos como um todo, nos outros seres e em nós mesmos. Tudo é uma rede conectada, tudo está relacionado e interdependente, toda ação e não ação reverbera em tudo e todos.

Esses mesmos autores defendem ainda que o medo infligido à sociedade com relação aos problemas socioambientais, e a culpa que cada um toma para si, imobilizam a sociedade e inibem as necessárias ações coletivas para mudanças e recriação do mundo. Nos lembram ainda que o cuidado é uma condição fundamental da existência humana, tomando como manifestação o cuidado como ação política, como construção do homem no encontro com o outro e como construção de espaços inter-

⁶ Embora este artigo não pretenda se aprofundar nestas questões, a título de ilustração, destaca-se algumas das legislações acerca do assunto, cujo conhecimento poderia instruir as atitudes desses praticantes: leis federais 12.651/2012 (Código Florestal), 6.938/81 (Política Nacional do Meio Ambiente), 9.605/98 (Crimes Ambientais), 9.433/97 (Recursos Hídricos) e Decreto 6.660/2008 (Regulamenta a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica); leis estaduais 14.675/2009 (Código Estadual do Meio Ambiente), 9.748/1994 (Política Estadual de Recursos Hídricos); dentre outras.

subjetivos (RATTO; HENNING; ANDREOLA, 2017).

Nessa perspectiva, defendem a educação, mais especificamente a educação ambiental, pautada nesse cuidado que dá forma e sentido ao mundo, como meio para dirimir a imobilidade social. Não com atitudes dispersas, ou hábitos voltados para o consumo sustentável, que, na verdade, não deixam de ser hábitos voltados para o consumo, para o desenvolvimento e o progresso; mas como forma de nos reconhecermos no mundo, como mundo, de reestabelecermos nossa relação com a Terra (RATTO; HENNING; ANDREOLA, 2017).

Gomes et al. (2014) salientam o potencial educacional do lazer, no caso, com relação às questões socioambientais, considerando que é no lazer que as pessoas se conectam com seus próprios interesses e seus gostos, expressando sua identidade, ou seja, algo de si. Os autores enfatizam que essa identificação e sua simbologia podem tornar as aprendizagens mais significativas e comprometidas com a transformação social. As experiências, sensações e emoções vividas nas atividades de aventura na natureza são resignificadas pelos praticantes que também são transformados por elas (BRUHNS; MARINHO, 2012); tornando-se, assim, uma oportunidade para que aconteçam novas relações com o outro, com o ambiente, com o tempo, com o mundo e consigo mesmo (MARINHO, 2009).

Considerando que a velhice também se constitui de uma fase de potencialidades, permeada pela oportunidade de aprendizagem contínua (PICCOLO, 2011), pode-se vislumbrar, nas atividades de aventura na natureza, oportunidade também para o desenvolvimento da educação ambiental, voltada para esse cuidado e reconhecimento do homem no mundo. No entanto, se a intenção é que ocorra uma verdadeira mudança intrínseca na forma como o ser humano se vê no mundo, cabe ressaltar a necessidade de um processo permanente e contínuo de educação ambiental, uma vez que, conforme defende Brookes (2003), algumas experiências vividas em momentos esporádicos, não são capazes de originar verdadeiras mudanças nas atitudes das pessoas em todas as dimensões de suas vidas.

Há muito tempo, conforme afirma Acosta (2016), difunde-se uma concepção de que homem e natureza são entes separados. Tal concepção permitiu a dominação e a utilização da natureza, como um recurso para atender nossos desejos e necessidades. Centrado nessa dominação, o homem se volta para a ideia de desenvolvimento que, em termos gerais se reflete em posses - dominar para ter e ter para dominar - permanentemente relacionado a questões econômicas. No entanto, os seres humanos não se dão conta de que esse processo é finito e de que pode levá-lo a sua própria extinção (ACOSTA, 2016).

Segundo o autor, esse desenvolvimento é inconcebível e temeroso, simplesmente porque se baseia na ideia de que os países desenvolvidos são exemplos a serem perseguidos e alcançados, e que todas as outras múltiplas e culturalmente riquíssimas sociedades que existem no mundo são apenas sociedades carentes, que devem ser modificadas em função de um "exemplo ideal". Essa situação almejada, além de acabar com a diversidade humana, seria impossível de ser comportada pelo mundo (ACOSTA, 2016). Seria uma dupla extinção.

Por esse motivo, Acosta (2016) defende ser necessário que as pessoas percebam que a Terra não tem capacidade para suportar esse crescimento econômico e que, tampouco, os recursos naturais devem servir a esse desenvolvimento. O objetivo a

ser atingido, segundo o autor, é de que o ser humano aceite que se realiza em comunidade, vivendo com e para o outro, como parte da natureza. Nesse sentido, as atividades de aventura na natureza possibilitam vivências de cooperação, partilha e cuidado com o outro, incentivando esse despertar (MARINHO, 2008, 2009).

CONCLUSÃO

A aproximação do praticante com o ambiente foi um dos motivos apresentados pelos idosos para praticarem atividades de aventura na natureza. Essa relação que se estabelece entre praticante e ambiente foi percebida, nesse estudo, pelo amor que declaram sentir pela natureza, pela preocupação com questões socioambientais, pela contemplação, pelo cuidado com o outro e consigo mesmo e por necessitarem dele para suas práticas.

Essa proximidade com o ambiente, vivenciando experiências prazerosas e intensas, podem levá-los a sentirem-se comprometidos, a perceberem-se integrantes dele. Os idosos praticantes de atividades de aventura na natureza refletem uma diferente forma de envelhecer, na qual são valorizados e admirados. Assim, sua reflexão e contribuição com relação às questões socioambientais podem ser influenciadoras para outras gerações.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.
- ALVES JUNIOR, E. D. Atividades de aventura, tecnologias e envelhecimento. In: SCHWARTZ, G. M. (Org.) **Tecnologias e atividades de aventura**. São Paulo: Lexia, 2012. p. 23-9.
- BANDEIRA, M. M.; RUBIO, K. "Do outside": corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 97-110, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BETRÁN, J. O; BETRÁN, A. O. Las actividades de aventura en la naturaleza (AFAN): revisión de la taxonomía (1995-2015) y tablas de clasificación e identificación de las prácticas. **Apunts**, Barcelona, n. 124, p. 71-88, 2016.
- BROOKES, A. A critique of neo-Hahnian outdoor education theory. Part one: challenges to the concept of "character building". **Journal of Adventure Education & Outdoor Learning**, London, v. 3, n. 1, p. 49-62, 2003.
- BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. Ritos e rituais nas viagens à natureza. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 87-102, 2012.
- CRESPO, L. V. Os idosos e seus tempos de lazer em família: uma aproximação pedagógico-social. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 16, n. especial, p. 341-53, 2011.
- DEBERT, G. G. Velho, terceira idade, idoso ou aposentado? Sobre diversos entendimentos acerca da velhice. **Revista Coletiva**, Cidade, n. 5, 2011.
- FIGUEIREDO, J. P.; SCHWARTZ, G. M. Atividade de aventura e educação ambiental como foco nos periódicos da área de educação física. **Motriz**, Rio Claro, v. 19, n. 2, p. 467-79, 2013.
- FISHPEOPLE. Diretor: Keith Malboy. Produtora: Monika McClure. Patagonia, 2017. 48 min. **Documentário**. Formato: MP4 digital. Disponível em: <<https://youtu.be/Vejz78dhfZk>>.
- GOMES, C. L.; BAHIA, M. C.; ELIZALDE, R.; LACERDA, L. L. L.; SILVA, R. L. P. Lazer, sustentabilidade e meio ambiente na América Latina: problematizações e desafios. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 84-105, 2014.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2014. Rio

de Janeiro: IBGE, 2014. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf>>. Acessado em: 15 de janeiro de 2019.

LAVOURA, T. N.; SCHWARTZ, G. M.; MACHADO, A. A. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 119-27, 2008.

MARINHO, A. **Atividades físicas e esportivas e meio ambiente**. Produção de background paper para o Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do PNUD, 2017. Disponível em: <<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/idh/rdhs-brasil/relatorio-nacional-desenvolvimento-humano-2017.html>>. Acessado em: 23 de agosto de 2019.

MARINHO, A. Lazer, aventura e ficção: possibilidades para refletir sobre as atividades realizadas na natureza. *Motriz*, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2009.

MARINHO, A. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 181-206, 2008.

OHANA Pupo. Diretor: Munir El Hage, Rafael Mejias. Brasil: 2008. 20 min. **Documentário**. Formato: DVCam. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Fl_PO9oIH0>.

OLIVEIRA, C.L.; MAIA, T. N.; ALVES JUNIOR, E. D.; MOTA, G. A. G. Montanhismo: dos significados, conflitos e tensões. *Licere*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 194-217, 2018.

PEREIRA, D. W.; TAVARES, J. T.; SUZUKI, S. F. Slackline: saúde, aventura e emoção para os idosos. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 328-38, 2016.

PICCOLO, G. M. Os caminhos dialéticos do envelhecimento e a sua relação com a educação física contemporânea. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 169-77, 2011.

PIOVANI, V. G. S. Atividades de aventura: prática para um tempo livre para o consumo ou para um tempo livre mais humano? *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 2, p. 61-7, 2013.

RATTO, C. G.; HENNING, P. C.; ANDREOLA, B. A. Educação Ambiental e suas Urgências: a constituição de uma ética planetária. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 1019-34, 2017.

SANTOS, P. M.; MARINHO, A. Slackline e educação física: experiências do projeto de extensão "Lazer e recreação". *Licere*, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 306-28, 2014.

VISCARDI, A. A. F.; CORREIA, P. M. S.; MAZO, G. Z.; MARINHO, A. Percepções de idosos sobre atividades de aventura na natureza. *Licere*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 1-25, 2018.

WARAT, L. A. Amor de gigantes. *Humanidades*, Brasília, v. 20, n. 6, p. 21-6, 1989.

WHEATON, Belinda. Surfing through the life-course: silver surfers' negotiation of ageing. *Annals of Leisure Research*, London, v. 20, p. 1-21, 2016.

CONFLITO DE INTERESSE

As autoras do estudo declaram não haver conflito de interesses

FINANCIAMENTO

Este estudo teve apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), sob Código Financeiro de Doações 001.

ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

Adriana Aparecida da Fonseca Viscardi (Autora Correspondente)

ORCID: 0000-0003-4986-4160.

E-mail: adrianaapfonseca@yahoo.com.br

Alcyane Marinho

ORCID: 0000-0002-2313-4031.

E-mail: alcyane.marinho@hotmail.com